

Mentiras mágicas

Noênio Spinola



O que faziam em agosto 856 bilhões de cruzados das cadernetas de poupança girando nos cofres do Banco Central? Tomavam ar? Passeavam? Faziam *footing*? Ou simplesmente financiavam o déficit público?

Há muito tempo o crédito imobiliário deposita dinheiro no Banco Central, porque a indústria da construção civil não caminha no mesmo passo da acumulação da poupança, ou porque os riscos da aplicação não compensam. E há muito tempo esse dinheiro serve para financiar os gastos públicos.

Alguém, lá atrás, torpedeou o sistema financeiro da habitação, transformou a construção civil em um negócio de risco, e a poupança, em lugar de construir casas, passou a emprestar para cobrir folhas de salário, mordomias e tudo o mais. Mente-se na arrecadação. Mas a mágica é tão simples.

Na mesma época, listada entre os fatores que "condicionam a base monetária" (por outras palavras, que podem provocar inflação) o giro da conversão da dívida externa em investimentos registrado pelo Banco Central elevava-se a 228 bilhões de cruzados.

Qualquer brasileiro a quem se pergunte se prefere que as sobras de poupança financiem o déficit público, ou reduzam o endividamento externo das empresas, certamente optaria pelo segundo caso. No entanto, o alvo mais direto dos economistas que se opõem à conversão não é o déficit, mas exatamente a conversão. Por quê?

Boa parte das respostas pode ser encontrada na ideologia mofada que as faculdades de economia disseminaram no país, partindo dos seus estudos clássicos do marxismo-leninismo. As faculdades no Brasil são obsoletas não apenas nas escolas de Jornalismo, onde (algumas) formam trezentos "jornalistas" por ano sem ter máquina de escrever, e muito menos terminais de computador. Os jornalistas chegam aos terminais vinte anos depois deles terem aparecido no mercado, e lá ficam, com aquele ar ingênuo diante da maravilha eletrônica, como ferramentas tardias em seu amadurecimento intelectual.

As coisas não são diferentes na Economia, na Sociologia, na Literatura, na Filosofia, na História. Muitos jovens economistas emigram do Brasil com a base mofada que adquiriram aqui para estágios em Berkeley, na Califórnia, ou no MIT, de onde voltam com doutorados sem gancho político, isto é: absorveram números, mas ficaram de fora do jogo real da cultura e do poder político no mundo contemporâneo. Como as escolas políticas "reais" entre nós são pobres (veja-se os níveis das propostas nos programas de televisão) é grande a tentação para os economistas irem a réboque da política de segunda classe, usando seu arsenal retórico a favor de quem pode levá-los para o governo, a única coisa realmente divertida em repúblicas subdesenvolvidas.

Muito ilustrativo do *gap*, crítico que deveria ser superado por vastos segmentos da intelectualidade econômica brasileira foi a abertura do Seminário sobre a Pierestroika: ontem, na reitoria da USP, em São Paulo, e o nível das perguntas. O seminário promovido pelo Cebrade, não fosse pela agressão de um dos participantes a toda a imprensa presente (o professor Miglioli, da Unicamp, que considerou a imprensa pronta para distorcer a pierestroika em benefício

dos interesses burgueses, merecendo uma pergunta fuzilante do representante do Estado de São Paulo, sobre a conveniência de uma imprensa de funcionários públicos) transcorreu no mais alto nível, conduzido pelo professor Roberto Macedo. E produziu algumas pérolas como a resposta do economista Tiit Made a um dos presentes, que queria investigar o papel real do marxismo na pierestroika russa.

Tiit Made, um jovem estoniano que prima pela irreverência, e certamente escandalizou alguns dos mais reacionários elementos da esquerda brasileira sentados na platéia, foi muito claro ao afirmar que "também deveríamos criticar um pouco Marx", pela ênfase exagerada na produção. Ele simplesmente afirmou que "precisamos de um socialismo de mercado".

Tiit Made não deixou claro o que entende por "socialismo de mercado". Mas, se alguém lhe mostrasse o tamanho do déficit público brasileiro, e perguntasse se o desejável não seria retirar um pouco do poder que a burocracia tem sobre a poupança, ele optaria por mais liberdade para os fluxos do dinheiro. Foi com esse espírito que criticou o centralismo do Gosbank sobre o sistema bancário soviético e lamentou que a reforma dessa área ainda não tenha saído muito do papel.

É óbvio que uma solução como a de liberar a poupança das cadernetas para financiar a conversão da dívida seria o mesmo que desvestir um santo para vestir outro. Não resolveria o problema maior, que é aumentar a taxa de poupança para investimento. Mas isso serve para sublinhar o criticismo barato que ataca a conversão sem atacar o déficit, porque as pessoas, no fundo dos seus corações, querem repensar o Brasil a partir de modelos estatizantes inseminados em nossa cultura pela exportação ideológica estalinista, e hoje considerados abertamente como obsoletos para o socialismo contemporâneo. Se a conversão, em suas visões limitadas, atrapalha o Megaestado que querem produzir, então fuzile-se a conversão.

A conversão da dívida foi, nos últimos tempos, o único passo para retirar as decisões do fluxo de dinheiro das mãos da burocracia, já que as Bolsas desempenham um papel insignificante, provocado pelo quase-monopólio do dinheiro pelo Estado. Pode ter servido marginalmente para que estatais se lançassem no negócio, com burocratas enriquecendo rápido graças às comissões por bicicletas que levam dólares para fora tirados do mercado paralelo. Mas agitou o sistema financeiro com uma proposta diferente de fazer a mesma coisa no circuito fechado dos bancos de fomento.

No fundo, o problema brasileiro se parece muito com o problema soviético, enquanto passa pelo redimensionamento do tamanho, do papel do Estado e do que fazer com a poupança disponível. É evidente que episódios como o da divergência de propostas entre grupos do PMDB pode refletir a dificuldade de encontrar uma linha "moderna" dentro de um partido que produziu aberrações como a tese da "intolerância" na moratória e entrou em intensos zigzagues ideológicos enquanto ficou no poder, sem sequer descobrir o "socialismo de mercado".

O Brasil tem simulacros de mercado, mas mesmo assim muita gente torce para que isso também acabe. Vão chegar ao Marx de 1910, que está sendo questionado até em pequenas repúblicas como a Estônia, de onde veio o brilhante Tiit Made. Diga-se de passagem, podem chegar lá também com a cooperação de vastos segmentos do empresariado, cujo medo de correr riscos decorre da acomodação que a cultura nacional empilhou ao correr dos anos.